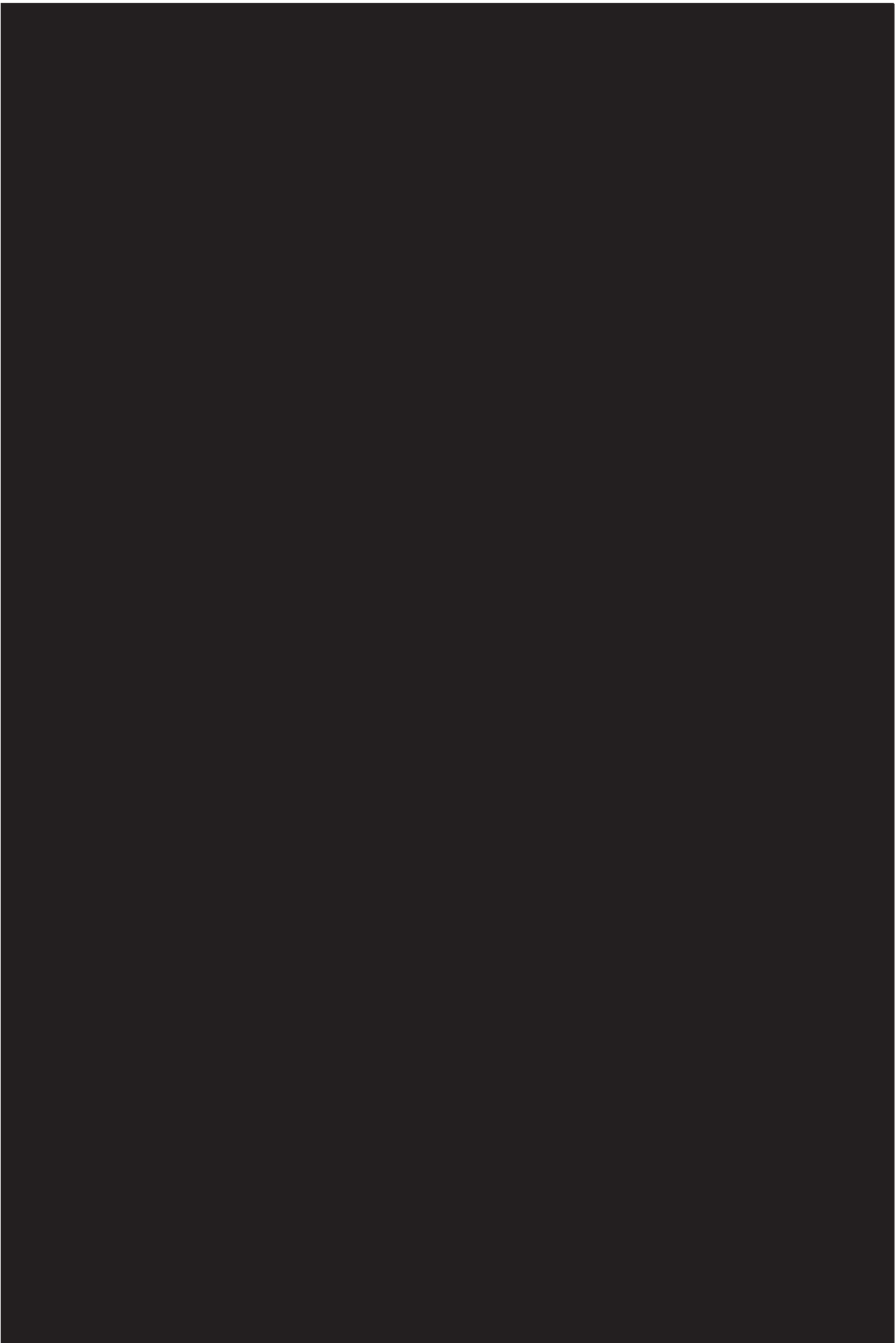




UMA
BRUXA
NO
TEMPO







Constance Sayers

UMA BRUXA NO TEMPO

— TRADUÇÃO *Carolina Selvatici* —

TRAMA

Título original: *A Witch In Time*

Copyright © 2020 by Constance Sayers

Publicado pela primeira vez pelo Redhook, um selo da Orbit, parte do Hachette Book Group.

Direitos de tradução para a língua portuguesa arranjados por intermédio de Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7.º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sayers, Constance

Uma bruxa no tempo / Constance Sayers; tradução Carolina Selvatici. — Rio de Janeiro: Trama, 2021.

416 p.

Título original: *A Witch In Time*

ISBN 978-65-89132-21-9

1. Ficção fantástica norte-americana I. Título.

21-64201

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

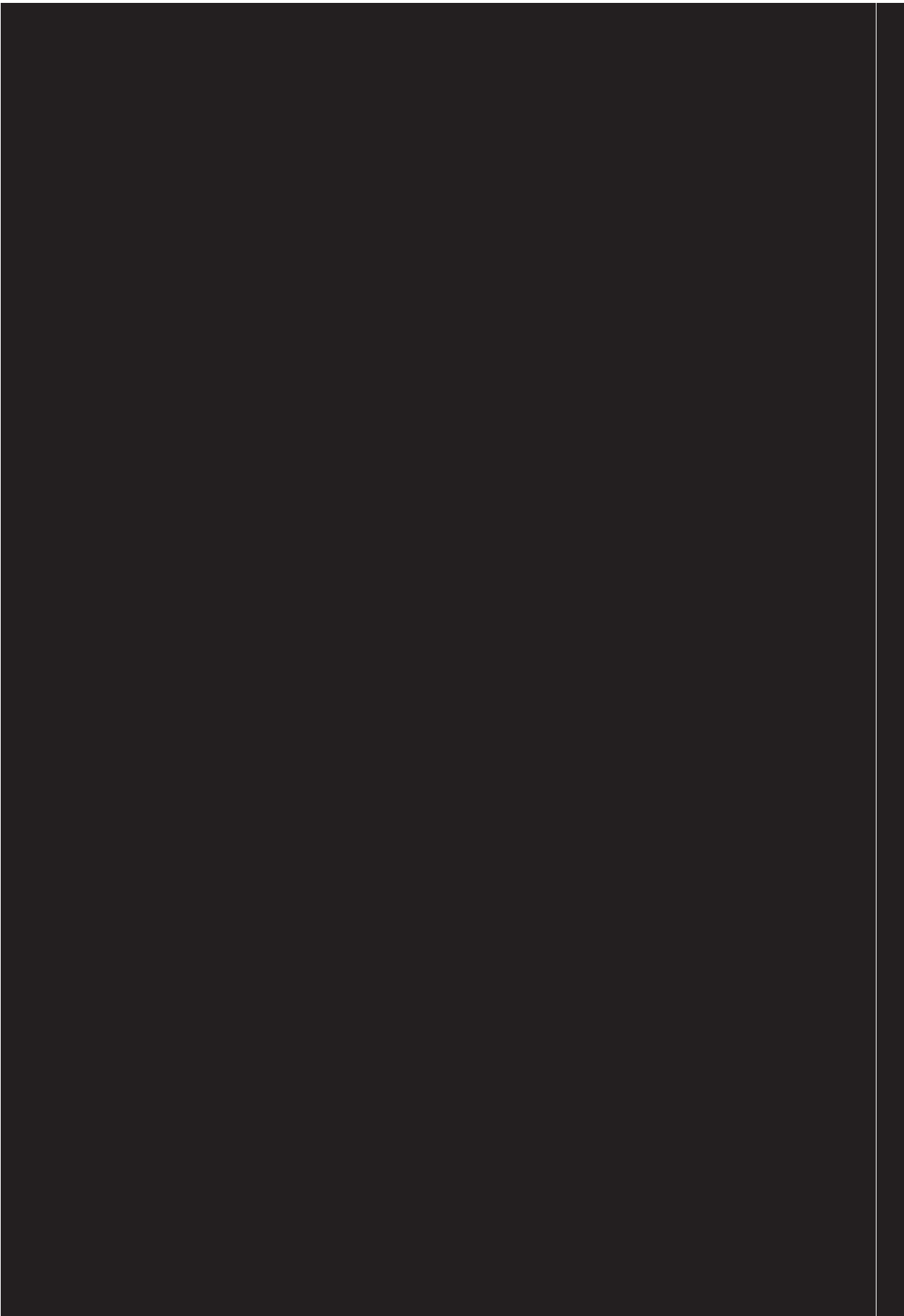
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

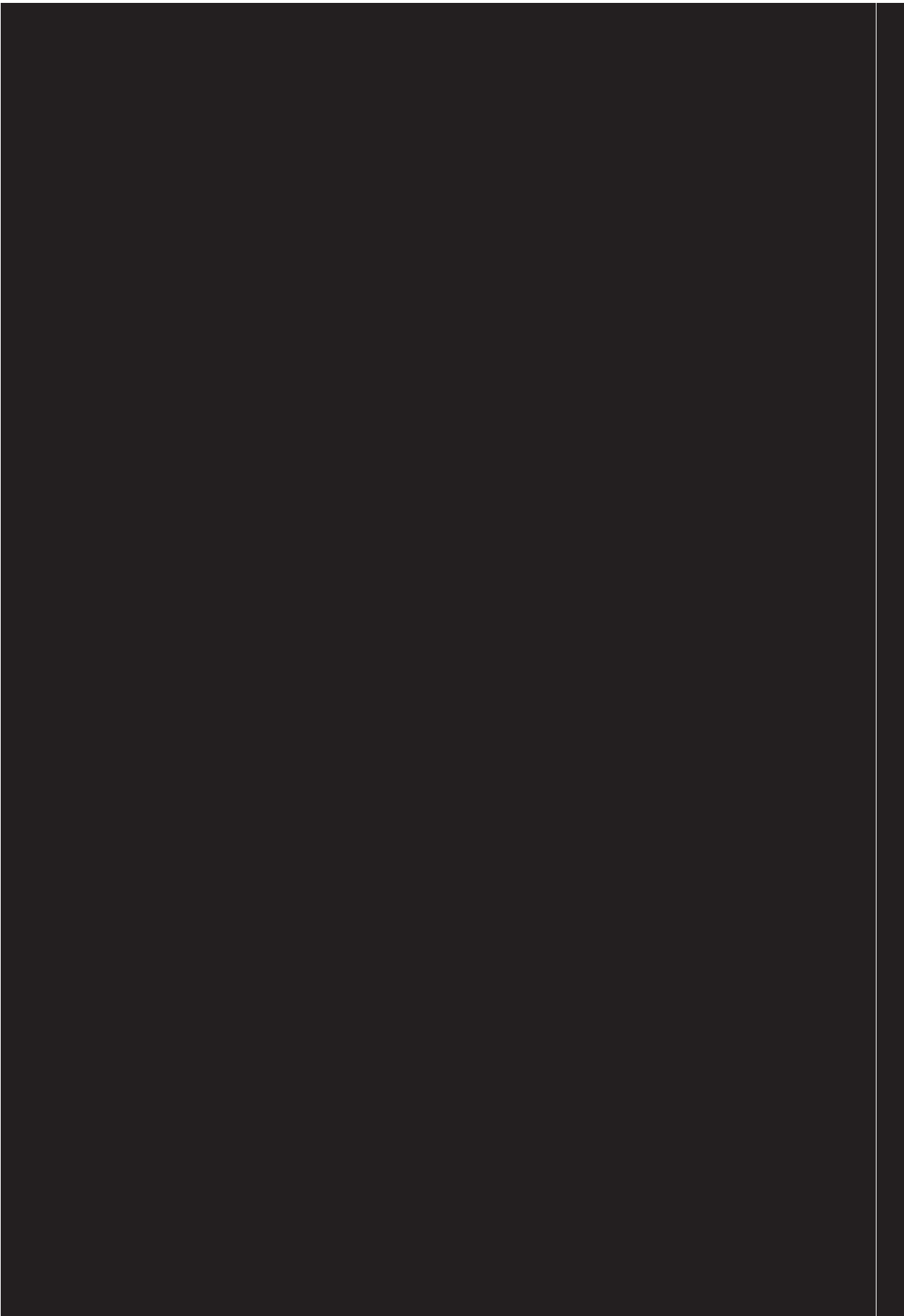
www.editoratrama.com.br

   / editoratrama

*Para minha irmã,
Lois Sayers*



Estou perdidamente apaixonado por uma lembrança.
Um eco de outra época, outro lugar.
— *Michael Faudet*



1

HELEN LAMBERT

Washington, D.C., EUA, 24 de maio de 2012

Assim que meu divórcio foi finalizado, um amigo marcou um encontro às cegas para mim. Entrei no Le Bar do Sofitel da rua 15 e perguntei pela “mesa do sr. Varner”. A recepcionista apontou para um homem sentado sozinho junto à janela.

Washington, D.C. é, essencialmente, uma refinada cidade do sul dos Estados Unidos, onde as pessoas costumam se arrumar como tal. Em uma sala repleta de ternos azuis-marinhos, gravatas-borboleta e ocasionais camisas de tecido anarruga, Luke Varner não se encaixava nem um pouco. De preto da cabeça aos pés, ele parecia um diretor de arte de Nova York que havia pegado o trem na direção errada só para ficar cercado por homens corpulentos, com copos de uísque na mão, mastigando charutos apagados.

Ele olhou para mim e pude ver que não era nem bonito nem charmoso. O homem não tinha traços exóticos: na verdade tinha uma aparência bem neutra, como uma calça cáqui favorita. Por um instante, me perguntei o que havia passado pela cabeça de meu amigo Mickey. Aquele homem não fazia *nem um pouco* meu tipo.

— Sou Helen Lambert.

Estendi a mão suada, sinal que denunciava que eu não saía com ninguém havia quase dez anos. A primeira coisa que pensei foi que seria um encontro rápido — uma bebida, só por educação. Eu estava de volta à vida de solteira, e um pouco de prática não me faria mal.

— Olá. Luke Varner.

Ele se levantou e me examinou por um instante, como se estivesse surpreso com o que via.

Apesar de minha decepção em relação a ele, fiquei me perguntando se a descrição que Mickey havia feito de mim também tinha sido diferente. Luke voltou a se sentar, pensativo e quieto, como se estivesse solucionando um quebra-cabeça. Depois de pedir com um gesto que me juntasse a ele, um silêncio inquietante permaneceu.

— Mickey me falou sobre sua casa. Ele disse que é linda.

Eu me sentei e comecei a falar, a tagarelar, na verdade, mexendo sem parar no guardanapo de pano em meu colo. Para meu horror, fios brancos do guardanapo começaram a grudar em toda a minha saia preta. Acenei com o bendito guardanapo para a recepcionista, como se estivesse me rendendo.

O canto da boca de Luke Varner se ergueu em um meio sorriso ao ver minha tentativa fútil de chamar a atenção da recepcionista. De repente, percebi que gesticulava como uma atriz de vaudeville.

— Bom, é velha — disse Luke.

— Oi?

Eu o encarei, confusa.

— Minha *casa*. — Ele riu. — Você estava perguntando sobre minha casa. — Sua voz tinha uma textura de lixa, como se tivesse desfrutado de uma bela cota de cigarros ao longo dos anos. — Gosto de casas com detalhes históricos, ou com “personalidade”, como chamam hoje em dia.

— Personalidade — assenti. — Mickey contou para você que às vezes trabalhamos juntos?

Luke se recostou na cadeira com o que pareceu ser um sorriso irônico.

— Ouvi dizer que você é diretora de uma revista.

— A *Em quadro*. — Eu ajeitei as coisas. — O nome é uma brincadeira com fotografia, o que está na foto ou “em quadro”. Analisamos tendências, o que se tornará o foco de todos, seja na política mundial, na

cultura, na religião, na moda, no estilo de vida... Temos correspondentes no mundo todo, e nossos repórteres e escritores procuram as tendências que começam a surgir. Somos conhecidos pelas fotografias.

Eu estava começando a parecer um folheto de propaganda, então me interrompi antes de acrescentar que a revista havia acabado de ganhar o National Magazine Award e sido descrita como “uma das revistas que mais contribuem não apenas para o cenário nacional, mas também global”.

A recepcionista finalmente me entregou um guardanapo preto, e eu o coloquei no colo. Muito nervosa, cruzei as pernas para que parassem de tremer. Por que estava tão ansiosa por causa de um homem por quem já decidira que não tinha interesse? Imaginei que estava nervosa por estar voltando a sair com outras pessoas. Mas havia algo mais.

— *Em quadro*, isso mesmo — disse ele. — Eu já vi nas bancas.

— É maior que a maioria das revistas — acrescentei. — Isso faz as fotos se destacarem mais.

Ele respirou fundo e olhou para a mesa enquanto falava.

— Você não mudou nada. Quer dizer, *mudou*... o cabelo principalmente. Agora ele ganhou um tom acobreado. — Ele começou a analisar o garfo. — Sinto muito — murmurou.

— Oi? — Pensei não ter entendido. — Mas acabamos de nos conhecer.

Ri e rearrumei meus talheres.

Ele abriu o cardápio, o examinou, depois o largou na mesa. Então inclinou a cabeça.

— Não acha que sou nem um pouco familiar?

Balancei a cabeça, envergonhada de repente.

— A gente já se conhece? Eu tenho uma memória *péssima*.

— Nada? Mesmo?

Ele inclinou o corpo em minha direção. Presumi que fosse para que eu examinasse seu rosto. Seus pequenos olhos azul-escuros dançaram acima da vela acesa sobre a mesa. Notei um bronzeado não intencional em seu rosto, como se ele trabalhasse ao ar livre, e os pelos louros na barba malfeita — ou seriam grisalhos? Naquele momento, à luz da vela, alguma coisa *realmente* pareceu familiar.

— Não.

Mas era mentira.

— Eu odeio esse momento. — Ele esfregou as pernas, aparentemente nervoso. — Passo cerca de trinta anos odiando esse momento, mas você me chama e então voltamos a ele. — Ele circulou seu indicador fino para ilustrar. — Não vejo você há muito tempo.

— Desculpa... Eu te *chamei*?

— Ahá. A primeira vez foi em 1895, na França. — Ele fez uma pausa. — Na verdade, foi sua mãe, mas não precisamos entrar em detalhes.

— Minha *mãe*?

Imaginei Margie Connor, minha mãe, que naquele momento devia estar bebendo vinho em caixa e devorando queijo Gouda em seu clube do livro em Bethesda. Naquele mês, estavam relendo *A Bíblia envenenada*.

— Depois nos vimos em Los Angeles em 1935. A última vez foi em Taos, em 1970. Sinceramente, queria que você voltasse para Veneza ou algum lugar um pouco mais interessante. Vou te contar, Washington é um pântano. — Ele fez uma careta. — Eu sei que você acha parecido com Paris, mas...

Ele se interrompeu e se acomodou casualmente na cadeira, como se tivesse acabado de me contar sobre seu dia no escritório.

Suspirei alto o suficiente para chamar a atenção do homem na mesa ao lado.

— Me explique isso direito. Eu *chamei* o senhor em 1895? — Coloquei meu guardanapo em cima da mesa e olhei para minha jaqueta. Por fim, me levantei. — Sr. Varner, eu sinto muito. Deve estar me confundindo com outra pessoa.

— Helen — disse ele com uma autoridade que me surpreendeu. — Eu não sou nada bom nisso, mas fazer esse teatro todo é infantilidade. *Sente-se*.

— Me sentar? — Inclinei-me para a frente, apoiando as mãos na mesa. — Você é maluco, sr. Varner. Eu não conheço o senhor. Tenho 33 anos, não cem. Eu nunca me encontrei com o senhor na França... ou em qualquer outro lugar. E minha mãe? Ela trabalha para o Instituto Nacional de Saúde. Ela não... chamou você em 1895, posso garantir.

— Helen — disse ele, a voz mais baixa. — *Sente-se*.

Por algum motivo estranho, eu obedeci e me sentei, como uma criança.

Ficamos ali, olhando um para o outro. As velas nas mesas do bar iluminavam o local como pequenos postes de luz, e eu senti algo familiar. Então entendi. *Lampião*? Balancei minha cabeça para afastar a imagem clara do rosto envelhecido daquele homem iluminado por um lampião. As imagens em minha cabeça se moveram rapidamente, como flashes — aquele homem sorrindo para mim enquanto descíamos uma larga avenida em um *omnibus*, o som de cascos batendo com vontade no asfalto, as luzes brilhando ao nosso redor, iluminando seu rosto com tons de sépia como uma lanterna ligada embaixo da cobertura. Ele vestia roupas estranhas — quase uma fantasia da era vitoriana —, e o cenário estava errado. Senti-me zozna na cadeira e segurei a mesa com as duas mãos. Então me virei e olhei pela janela. Até as árvores, que balançavam suavemente com a brisa e haviam sido interligadas com luzes de Natal, cintilavam, conspiratórias, fazendo o rosto dele brilhar de forma misteriosa, como em outra época, como o de uma personagem trágica de um poema de Shelley.

Ele empurrou o cardápio.

— Você me chamou há pouco tempo, me pediu para fazer algo por você e eu fiz.

Comecei a protestar, mas ele levantou a mão.

— É sério, Helen? Nós sabemos do que estou falando. Não sabemos?

E eu sabia.